

Revista **a** EVOLUÇÃO

Ano IV n. 47 Dez. 2023
ISSN 2675-2573



EDUCAÇÃO É UMA ÁREA DE CONSTANTES DESAFIOS!



A ARTICULAÇÃO ENTRE A FORMAÇÃO INICIAL E A
FORMAÇÃO CONTINUADA: UMA PERSPECTIVA DE
APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA
MARISA GARCIA



Filiada à
ABEC
BRASIL
Associação Brasileira de Editores Científicos



Platform &
workflow by
OJS / PKP



www.primeiraevolucao.com.br

Revista **1ª** EVOLUÇÃO

Ano IV - nº 47 - Dezembro de 2023

ISSN 2675-2573

Uma publicação mensal da Edições Livro Alternativo

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (Angola):

Manuel Francisco Neto

Coordenaram esta edição:

Vilma Maria da Silva

Andreia Fernandes de Souza

Organização:

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

Colunistas:

Adeilson Batista Lins

Isac Chateaufeuf

AUTORES(AS) DESTA EDIÇÃO

Adriana Beatriz de Oliveira

Aline Pereira Matias

Amanda Maria Franco Liberato

Anderson da Silva Brito

Andréia Fernandes de Souza

Bruno Vinicius Pereira da Silva

Débora da Silva Melo Valiante

Elaine Aparecida Forgassin Corrêa

Fernanda dos Santos Ikier

Graziela de Carvalho Monteiro

Isac dos Santos Pereira

Maria Angela Ferreira Oliveira

Maria Dalva Lima de Sousa

Marisa Garcia

Ruy Francisco Sposaro

Walter Paulesini Junior

Silvana dos Santos Silva

Solange Hitomi Kurozaki

Suseli Corumba dos Santoso

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano 4, n. 47 (dez. 2023). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2023. 178 p. : il. color

Bibliografia

Mensal

ISSN 2675-2573 (on-line)

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI 10.52078/issn2673-2573.rpe.47

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

ACESSOS:

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.47>



São Paulo | 2023

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (ANGOLA):

Manuel Francisco Neto

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima
Andreia Fernandes de Souza
Antônio Raimundo Pereira Medrado
Isac Chateaneuf
José Wilton dos Santos
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Me. Adeílson Batista Lins
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt
Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza
Profa. Dra. Denise Mak
Prof. Dr. Isac Chateaneuf
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco
Profa. Mirella Clerici Loayza
Profa. Dra. Patrícia Tanganelli Lara
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Colunistas:

Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Ma. Cleia Teixeira da Silva
Prof. Dr. Isac Chateaneuf
Prof. Me. José Wilton dos Santos

Edição, Web-edição e projetos:

Antonio Raimundo Pereira Medrado
Vilma Maria da Silva
Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. 55(11) 99543-5703
Whatsapp: 55(11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)
netomanuelfrancisco@gmail.com (Luanda)
<https://primeiraevolucao.com.br>

Imagens, fotos, vetores etc:

<https://publicdomainvectors.org/>
<https://pixabay.com>
<https://www.pngwing.com>
<https://br.freepik.com>

Publicada no Brasil por:

Edições
Livro Alternativo

CNPJ: 28.657.494/0001-09

Colaboradores voluntários em:



A revista PRIMEIRA EVOLUÇÃO é um projeto editorial criado pela **Edições Livro Alternativo** para ajudar e incentivar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

Seu corpo editorial é formado por professores/as especialistas, mestres/as e doutores/as que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

Uma de suas principais características é o fato de ser **independente e totalmente financiada por professoras e professores**, e de distribuição gratuita.

PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores/as e autores independentes;

Financiar (total ou parcialmente,) livros de professoras/es e estudantes da rede pública.

PRINCÍPIOS:

Os trabalhos voltados para a **educação, cultura** e produções independentes;

O uso exclusivo de **softwares livres** na produção dos livros, revistas, divulgação etc;

A ênfase na produção de **obras coletivas** de profissionais da educação;

Publicar e divulgar **livros de professores(as)** e autores(as) independentes;

O respeito à **liberdade e autonomia** dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à **diversidade**.

**Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores.
Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.**

Produzida com utilização de softwares livres



Filiada à:



Platform &
workflow by
OJS / PKP

Google Acadêmico



www.primeiraevolucao.com.br

A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

05 APRESENTAÇÃO

Andréia Fernandes de Souza

06 **Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes**

Isac dos Santos Pereira

07 **Ciências, Tecnologia e Sociedade**

Adeilson Batista Lins

13 Projeto: Eu Amo Ler.

14 **EDUCAÇÃO É UMA ÁREA DE CONSTANTES DESAFIOS!**



ARTIGOS

- | | |
|--|-----|
| 1. O PROFESSOR ORIENTADOR DE ÁREA - POA DE ALFABETIZAÇÃO: SABERES E FAZERES NECESSÁRIOS À FUNÇÃO
ADRIANA BEATRIZ DE OLIVEIRA | 17 |
| 2. AS ARTES VISUAIS E A CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL DOS ESTUDANTES NA PERSPECTIVA DE VIK MUNIZ
ALINE PEREIRA MATIAS | 31 |
| 3. PROGRAMA APRENDER E ENSINAR NO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA POSSIBILIDADE DE FORMAÇÃO CONTINUADA
AMANDA MARIA FRANCO LIBERATO | 37 |
| 4. A IMPORTÂNCIA DO PAPEL DO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA PARA QUE ELA REALMENTE ACONTEÇA
ANDERSON DA SILVA BRITO | 47 |
| 5. PROBLEMAS DE MATEMÁTICA NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO: DA ANÁLISE DE DADOS À DEMANDA FORMATIVA
ANDRÉIA FERNANDES DE SOUZA | 57 |
| 6. A IMPORTÂNCIA DA PREVENÇÃO E O TRATAMENTO DO CÂNCER BENIGNO DE BOCA PELO CIRURGIÃO BUCOMAXILOFACIAL
BRUNO VINICIUS PEREIRA DA SILVA /WALTER PAULESINI JÚNIOR | 69 |
| 7. PAUTAS FORMATIVAS (TAMBÉM) TRAZEM GENTE DENTRO: REFLEXÕES ACERCA DA CONSTRUÇÃO DE PROCESSOS
FORMATIVOS
DÉBORA DA SILVA MELO VALIANTE | 77 |
| 8. APRENDIZAGEM ALÉM DOS LIMITES COGNITIVOS: PERSPECTIVAS PRÁTICAS SOBRE COMO AS EMOÇÕES E OS VÍNCULOS
AFETIVOS IMPACTAM NO PROCESSO EDUCATIVO
ELAINE APARECIDA FORGASSIN CORRÊA | 85 |
| 9. O CONSUMO ALIMENTAR INFANTIL E AS INFLUÊNCIAS DO MARKETING
FERNANDA DOS SANTOS IKIER | 93 |
| 10. A IMPORTÂNCIA DO ENSINO SUPERIOR PARA A PRÁTICA DO ENSINO ACADÊMICO
GRAZIELA DE CARVALHO MONTEIRO | 101 |
| 11. A AVALIAÇÃO CONSTRUTIVA NO ÂMBITO ESCOLAR: PENSAR O PROFESSOR E OS ESTUDANTES NESSE PROCESSO
ISAC DOS SANTOS PEREIRA | 109 |
| 12. A LITERATURA APLICADA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA
MARIA ANGELA FERREIRA OLIVEIRA | 119 |
| 13. O TDAH NA ESCOLA
MARIA DALVA LIMA DE SOUSA | 127 |
| ★ 14. A ARTICULAÇÃO ENTRE A FORMAÇÃO INICIAL E A FORMAÇÃO CONTINUADA: UMA PERSPECTIVA DE APRENDIZAGEM AO
LONGO DA VIDA
MARISA GARCIA | 133 |
| 15. USO DO EXTRATO DE PRÓPOLIS EM PACIENTES DA UTI
RUY FRANCISCO SPOSARO /WALTER PAULESINI JUNIOR | 139 |
| 16. FORMAÇÃO DE PROFESSORES ALFABETIZADORES: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO TERRITÓRIO
SILVANA DOS SANTOS SILVA | 149 |
| 17. O TEA E OS CAMINHOS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA
SOLANGE HITOMI KUROSZAKI | 157 |
| 18. A ENUNCIÇÃO E SUAS INSTABILIDADES NUM PERCURSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA
SUSELI CORUMBA DOS SANTOS | 169 |

A ENUNCIÇÃO E SUAS INSTABILIDADES NUM PERCURSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA

SUSELI CORUMBA DOS SANTOS¹

RESUMO

Neste artigo, defendemos ser fundamental para o ensino da leitura sob a luz da pragmática e da Teoria da Enunciação a compreensão dos mecanismos de instauração das categorias de pessoa, tempo e espaço manifestadas no discurso, bem como dos efeitos de sentido que decorrem das instabilidades no uso da língua. Para nosso objetivo utilizaremos como *corpus* para exemplificação algumas frases ou excertos retirados basicamente da Revista VEJA.

Palavras-chave: Debreagem; Efeitos de sentido; Embreagem; Leitura.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Devido à dimensão do problema de leitura constatada em grande parte das escolas públicas da Rede Estadual de Ensino, no Estado de São Paulo², por meio dos resultados do SARESP, e da Rede Municipal de São Paulo, por meio da Prova São Paulo, faz-se urgente buscar subsídios teóricos e propostas pedagógicas que possam orientar o planejamento de ações capazes de reverter o quadro atual. Ao analisarmos os dados das avaliações externas, em particular os da Prova São Paulo, por exemplo, identificamos as habilidades que ainda se configuram como desafios relacionados às aprendizagens dos(as) estudantes matriculados(as) na RME-SP e que requerem um planejamento de estratégias pedagógicas que os ajudem a alcançar as aprendizagens não consolidadas. Neste artigo não adentraremos ao campo das análises dos resultados das avaliações externas, mas limitar-nos-emos ao estudo dos mecanismos de instauração das categorias de pessoa, tempo e espaço manifestadas no discurso, bem como dos efeitos de sentido que decorrem das instabilidades no uso da língua, como uma possibilidade, dentre tantas, de se abordar o ensino da leitura.

Defendemos que não basta a boa vontade do professor, nem os anos de experiência em sala de aula, se não houver embasamento teórico e critérios claros na elaboração de atividades que propiciem o desenvolvimento e a aquisição de habilidades de leitura. É preciso,

1 Mestre em Língua Portuguesa pela PUC – SP, possui graduação em Letras pelo Centro Universitário Fundação Santo André, Pedagogia para licenciados pela Universidade Nove de Julho; especialização em Psicopedagogia Institucional. Atuou como professora no Ensino Superior – Curso de Letras. Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I aposentada pela Rede Estadual de Ensino. Professora desde 2015 na Rede Municipal de São Paulo. Atualmente em exercício na função de Assistente Técnico de Educação I na Divisão Pedagógica (DIPED), da Diretoria Regional de Educação de São Mateus.

2 Revistas Pedagógicas referentes à edição de 2022 da Prova São Paulo — Ciclos Interdisciplinar e Autoral das Escolas Municipais de Ensino Fundamental (EMEFs) da Rede Municipal de Ensino de São Paulo. Disponível em <https://serap.sme.prefeitura.sp.gov.br/provasp>

portanto, conhecer e utilizar estratégias³ que melhor se apliquem às necessidades dos estudantes com os quais se trabalha e que levem ao desenvolvimento de sua competência leitora.

Neste artigo, apoiamos-nos nos estudos da pragmática por ser a ciência do uso linguístico e ter a enunciação como um dos seus domínios que, nas palavras de Benveniste (1989, p.82), consiste no funcionamento da língua por um ato individual de utilização, ou seja, a passagem da língua para a fala. Neste caso, ocorre a instauração de um “eu”, que se dirige a um “tu”, em um dado marco temporal e espacial, que, segundo o autor, são os conteúdos da enunciação. São estas três categorias linguísticas (pessoa, espaço e tempo) que permitem a transformação da língua em fala. Sabemos que, antes da enunciação, a língua é apenas uma possibilidade virtual. No entanto, quando o falante utiliza a língua, ele está realizando um ato de fala, que lhe permite enunciar sua posição de locutor e assim instalar-se no discurso por meio de todas as escolhas e combinações que faz.

No ato de utilização da língua, vemos com frequência o uso de uma pessoa por outra. O presidente da República, ao falar em público “O Presidente tem feito inúmeros esforços...” está usando *ele* no lugar de *eu*. Obviamente, ele pretende causar um certo efeito de sentido ao fazer tal escolha, e nossos estudantes, muitas vezes, não observam essa orientação de leitura. São instabilidades assim que nos interessam aqui, bem como os mecanismos de instauração das categorias de pessoa, tempo e espaço manifestadas no discurso e seus efeitos de sentido.

Utilizaremos como *corpus* para exemplificação algumas frases ou excertos retirados basicamente da Revista VEJA.

No processo de ensino de leitura, consideramos pertinente tratar da questão das *instâncias enunciativas*.

Concordamos com Fiorin (2002) que, num texto, há basicamente três instâncias enunciativas.

A primeira é do enunciador e do enunciatário. O enunciador é o autor do texto, o *eu* pressuposto; o enunciatário é o leitor, ou seja, o *tu* pressuposto. Nos domínios da semiótica, autor e leitor não são entidades do mundo, de carne e osso, mas entidades semióticas ou entidades do discurso. O leitor em formação deve ser capaz de perceber que o autor do livro que ele lê não deve ser considerado como uma pessoa real. Ele é caracterizado como uma imagem, aquela que o próprio autor elegeu para si: quer seja ele representado como moralista, preconceituoso, irreverente, cético, mesmo que não o seja de verdade, em sua vida real.

A segunda instância é do narrador e do narratário. São o *eu* e o *tu* instalados no enunciado. Se virmos, por exemplo, a obra de Machado de Assis, Memórias Póstumas de Brás Cubas (1982, p.85), constataremos que o narrador e o narratário aparecem de forma explícita:

[...] começo a arrepender-me deste livro (...) o maior defeito deste livro és tu leitor. Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direta e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro[...]

3 Consideramos neste artigo que a leitura fluente envolve o uso de estratégias das mais diversas ordens: cognitivas, interacionais, sociointeracionais, textuais. Segundo GUIMARÃES (2004, p. 195): Estratégias cognitivas: efetivam-se à luz de um “cálculo mental”, resultando em uma inferência geradora de uma informação semântica nova inspirada em dados da superfície textual. Estratégias textuais: representam-se na co-referência, pronominalização, sintonia tema/rema, microestruturas, macroestruturas e superestruturas. Estratégias sociointeracionais: perseguem o alcance da interação verbal – o que se harmoniza com fatores de textualidade de Beaugrande e Dressler (1981): situacionalidade, intencionalidade, aceitabilidade.

Eles também podem permanecer implícitos, como quando se narra uma história em terceira pessoa.

A terceira instância é aquela em que o narrador dá voz a uma personagem, por meio do discurso direto, instaurando o interlocutor e o interlocutário para que se concretize um efeito de realidade.

Compreendidas as três instâncias enunciativas, verificaremos as categorias de pessoa, tempo e espaço no quadro enunciativo proposto por Benveniste.

Partimos do pressuposto básico de Benveniste (1976, p. 286) de que o homem se constitui como sujeito na e pela linguagem, enunciando sua posição no discurso por meio das três categorias da enunciação: pessoa, tempo e espaço.

Sendo a enunciação um ato individual entendido em função do ato de enunciar, não é suficiente descrever as categorias somente do ponto de vista da gramática normativa, pois o sentido das palavras está relacionado a uma situação de comunicação.

É o que acontece com os dêiticos, tais como os pronomes pessoais e expressões de espaço e tempo. Ao lermos num pedaço de papel o enunciado “Deixe a chave do carro aqui que volto ainda hoje”, não entenderemos plenamente a mensagem se não soubermos a que situação de comunicação ela se refere, ou seja, quem é *eu*, onde é *aqui*, quando é *hoje*.

Ressaltamos, com Fiorin (2002, p. 36), que tais elementos linguísticos presentes no enunciado remetem à instância de enunciação. Isto significa que estes elementos **não** tratam da enunciação propriamente dita, mas da *enunciação enunciada*. Há, é claro, enunciados desprovidos de marcas enunciativas, principalmente quando o autor pretende um discurso mais objetivo, como por exemplo, “A água é formada por duas moléculas de hidrogênio e uma de oxigênio”. Neste caso, estamos diante de um *enunciado* enunciado.

Como a pessoa enuncia num dado espaço e tempo, todo espaço e todo tempo se organizam em torno do *eu*, tomado como ponto de referência. É por isto que a categoria de pessoa é essencial para que a linguagem se torne discurso. Para mostrar que essas categorias de pessoa, tempo e espaço não existem apenas em algumas línguas, mas em qualquer língua e qualquer linguagem, Benveniste (apud Fiorin, 2002, p. 22) usa os termos latinos *ego* (*eu*), *hic* (*aqui*) *etnunc* (*agora*).

Segundo Benveniste (1976, p. 230-32), a categoria de pessoa possui duas correlações, a da pessoalidade e a da subjetividade.

A primeira é aquela em que se opõem actantes da enunciação (*eu/tu*) e actantes do enunciado (*ele*). A segunda é aquela em que se contrapõem *eu* (pessoa subjetiva) versus *tu* (pessoa não-subjetiva).

Assim, conforme Benveniste (apud Fiorin, 2003, p. 164), o *eu/tu* participam do ato de comunicação e o *ele* não-participa, sendo apenas um elemento do enunciado. Aos participantes, chamamos de pessoas **enunciativas**; aos não-participantes de pessoas **enuncivas**.

Para expressar a categoria de pessoa, existem três conjuntos de morfemas: os pronomes pessoais retos e oblíquos, os pronomes possessivos e as desinências número-pessoais dos verbos.

Na manchete “Os ‘carros voadores’ ganham sinal verde, mas enfrentam obstáculos” (VEJA, 10/11/2023, edição 2867) temos o referente Carros voadores, correspondente à 3ª pessoa do discurso. Por não se tratar de um *eu* que remete à instância da enunciação, mas de um elemento do enunciado, dizemos que o enunciado é enuncivo.

Em contrapartida, na frase dita pelo presidente Lula “Eu sempre digo que, para quem está na Fazenda, dinheiro bom é dinheiro que está no Tesouro. Para quem está na Presidência, dinheiro bom é dinheiro transformado em obra” (VEJA, 10/11/2023, edição 2867), o pronome pessoal *eu* e a desinência número-pessoal na forma *digo* indica a participação do *eu* no ato comunicativo, e, portanto, constitui um enunciado enunciativo.

Segundo Benveniste (apud Fiorin, 2002: 142), situar um acontecimento no tempo crônico é diferente de situá-lo no tempo da língua. A diferença é que o tempo linguístico é ligado ao ato de linguagem, que se ordena como função do discurso. Este tempo é necessariamente o **presente**, pois está ligado ao *agora*, momento da enunciação (ME). Isto quer dizer que o *agora* é reinventado a cada vez que o enunciador enuncia, cada ato de fala é um tempo novo, ainda não vivido.

A partir do tempo presente gerado pelo ato de linguagem, estabelece-se um eixo que ordena as categorias de **concomitância** (quando coincide o evento narrado e o ME) e **não-concomitância**.

O eixo da não-concomitância se subdivide em anterioridade e posterioridade. O passado indica uma **anterioridade** ao ME e o futuro indica uma **posterioridade**.

Fiorin (2002, p. 144) destaca que há um sistema temporal organizado em função do presente implícito na enunciação e um sistema temporal linguístico ordenado em relação aos marcos temporais instalados no texto.

Em outras palavras, existem na língua dois sistemas temporais, um relacionado ao ME (sistema enunciativo) e outro ordenado em função dos momentos de referência (MR) instalados no enunciado (sistema enuncivo).

Em relação ao **sistema enunciativo** (MR presente), temos no eixo da concomitância o **tempo presente** e no eixo da não-concomitância, o **pretérito perfeito 1** e o **futuro do presente**. Vejamos dois exemplos:

Na manchete “Partido brasileiro comemora vitória de Milei na Argentina” (VEJA, Radar, 20/11/2023), vemos que o ME coincide com o evento narrado *comemorar*. Já em “O inacreditável episódio do roubo de um quartel do Exército em São Paulo de 21 armas, entre metralhadoras e fuzis, algumas delas capazes até de derrubar helicópteros, que veio à tona no último dia 16, teve outro componente aterrador: o indício forte de que uma parte das Forças Armadas tem conexões com os bandidos, incluindo as milícias do Rio de Janeiro.” (VEJA, 27/10/2023, edição 2865), em relação ao *agora* que ocorre no dia 27 de outubro (ME), o momento do acontecimento (MA), o roubo de 21 armas [...] que **veio à tona no último dia 16**, é anterior a ele, fato que justifica o emprego do pretérito perfeito no verbo **vir**.

Em relação ao **sistema enuncivo** temos dois subsistemas. Um centrado no MR pretérito e outro no MR futuro.

Tomando o MR pretérito, temos no eixo da concomitância os tempos **pretérito perfeito 2** e o **pretérito imperfeito**. No eixo da não-concomitância temos o **pretérito mais-que-perfeito**, o **futuro do pretérito simples** e o **futuro do pretérito composto**.

Nos exemplos “Um segredo agora revelado: quase cinco anos atrás, quando a Nestlé ainda era presidida pelo executivo...” e “Na semana passada, o FMI surpreendeu ao questionar a necessidade de o governo aumentar o superávit fiscal.” (Veja, 13/10/2004 p. 32), temos uma relação de concomitância entre o MR pretérito marcado pelas locuções adverbiais *cinco anos atrás* e *na semana passada*, e o MA, *quando a Nestlé era presidida pelo executivo* e *FMI surpreendeu*. O que os difere é o valor aspectual: no primeiro exemplo, trata-se de um aspecto durativo com o uso do pretérito imperfeito *era* e no segundo, um aspecto pontual e acabado, com o uso do pretérito perfeito *surpreendeu*.

No eixo da não-concomitância, o pretérito mais-que-perfeito indica uma relação de anterioridade do MA em relação ao MR pretérito. É o que podemos ver em “Samuel **aproximou-se** para avisar que o táxi **tinha chegado**”. Nesse caso, o MR é o *momento em que Samuel se aproximou*; o *táxi tinha chegado* indica um fato que ocorreu anterior a ele.

Ainda no eixo da não-concomitância, o futuro do pretérito indica uma posterioridade em relação ao MR pretérito, e surge como expectativa, como vemos em “...o presidente Lula **confidenciou** a pelo menos um governador petista que **gostaria** de promover uma troca de cadeiras não só no BNDES como em algumas estatais.” (Veja, 10/11/2004, p. 34), onde o MR é o *momento da confiança* e *promover uma troca de cadeiras* é posterior a ele.

Tomando o MR futuro, temos no eixo da concomitância o **futuro do presente**; no eixo da não-concomitância, o **futuro anterior** e o **futuro do futuro**.

Aproveitando os exemplos de Fiorin (2002, p. 161) “No momento em que eu lhe der o sinal, você **soltará** os rojões”, vemos que em relação ao MR futuro *momento em que eu lhe der o sinal*, o MA *soltar rojões* é concomitante. Já em “Em oito dias, terei terminado o serviço”, o MA *término do serviço*, é anterior ao MR futuro *em oito dias*.

O espaço também é ordenado a partir do *hic*, ou seja, do lugar do ego. Todos os objetos são assim localizados, sem que tenha importância seu lugar físico no mundo, pois aquele que os situa se coloca como centro e ponto de referência da localização. O espaço é expresso pelos demonstrativos e certos advérbios de lugar. São enunciativos os marcadores de espaço linguístico, ordenados em relação ao lugar da enunciação, tais como *aqui, aí, cá, lá, neste lugar*. Na frase “Eu nunca vi ninguém ir espontaneamente à Polícia Federal para ser indiciado” (Veja, 20/10/2004 p.35), temos como espaço enunciativo a Polícia Federal, equivalente ao demonstrativo “*lá*”, estabelecido em relação ao “*aqui*”, espaço onde se encontra o enunciador, que nesse caso é Romeu Tuma.

São enuncivos *aí, ali, lá, naquele lugar*, etc. quando retomam um espaço inscrito no enunciado. Nesse caso, seu valor não é determinado pelo espaço do enunciador, como podemos perceber no exemplo tomado de empréstimo a Fiorin (2002, p. 271) “Pensando bem, a procura da avó começara bem antes, tinha sido em Paris. Foi *lá* que se interessou a sério por Lueji”, em que *lá* retoma a cidade do enunciado.

Para sistematizar os marcadores de cada sistema, organizamos os quadros abaixo:

Sistema enunciativo: ligado à enunciação

Eu/tu	Concomitância (MR = MA): Presente Não-concomitância a) anterioridade: pretérito perfeito 1* b) posterioridade: futuro do presente	aqui, aí, cá, neste lugar, etc.
-------	--	---------------------------------

Sistema enuncivo: ligado ao enunciado

Pessoa	Tempo: MR pretérito	Tempo: MR futuro	espaço
ele	Concomitância Pretérito perfeito 2 ** Pretérito imperfeito Não-concomitância a) anterioridade: pretérito mais-que-perfeito (simples ou composto) b) posterioridade: futuro do pretérito simples futuro do pretérito composto	Concomitância Presente do futuro Não-concomitância a) anterioridade: futuro anterior b) posterioridade: futuro do futuro	algures, alhures, nenhures (em algum lugar, em outro lugar, em nenhum lugar)

* Pretérito perfeito 1 refere-se ao tempo do sistema enunciativo.

** Pretérito perfeito 2 refere-se ao sistema enuncivo.

Compreendidos os sistemas enunciativos e enuncivos, bem como as categorias de pessoa, tempo e espaço no discurso, partiremos para a reflexão dos mecanismos que geram as instabilidades na linguagem no intuito de melhor perceber seus efeitos de sentido no ato da leitura.

DEBREAGEM E EMBREAGEM

Pensando na questão da leitura, consideramos fundamental refletir sobre os mecanismos de instauração da pessoa, tempo e espaço nos enunciados e, principalmente, captar os efeitos de sentido proporcionados por estas estratégias intencionalmente escolhidas pelo autor de seus enunciados.

São dois os mecanismos de instauração de pessoas, espaços e tempos no enunciado: a *debreagem* e a *embreagem*.

A *debreagem* é a operação em que se **projetam** no enunciado a pessoa, o tempo e o espaço. Em outras palavras, se a enunciação é a instauração do *eu, tu, ele* num *aqui-agora*, numa instância linguística pressuposta pelo enunciado; ao representar essas categorias no enunciado, estamos operando com a *debreagem*.

Fiorin (2002) distingue *debreagem* enunciativa e *enunciva*, cujos efeitos de sentido são respectivamente de subjetividade e de objetividade.

Na *debreagem* enunciativa enuncia-se o *não-eu, o não-aqui e o não-agora* como se fossem *eu, aqui, agora*. Isto acontece porque, como já dissemos, os elementos linguísticos do sistema enunciativo presentes no enunciado **não** tratam da enunciação propriamente dita, mas da *enunciação enunciada*.

Na *debreagem* *enunciva* estão presentes os actantes do enunciado (*ele*), o espaço do enunciado (*algum lugar*) e o tempo do enunciado (*então*), ou seja, as categorias de pessoa, de tempo e de espaço do sistema *enuncivo*.

Ainda segundo Fiorin (2002, p.147) a *debreagem* pode ser de primeiro ou de segundo grau: na de primeiro grau, os tempos são relacionados à voz do narrador; na de segundo grau, resultam de uma delegação de voz operada pelo narrador, vinculados ao *eu* interlocutor.

Assim, tomando novamente o exemplo “**Na semana passada**, o FMI surpreendeu ao questionar a necessidade de o governo aumentar o superávit fiscal.” (Veja, 13/10/2004 p. 32), temos uma **debreagem enunciva de primeiro grau** porque a sua existência depende da voz do narrador.

Outro exemplo é o uso do discurso indireto para citar o que o ministro Flávio Dino disse ao presidente Lula: “Muito acima do peso, o ministro contou que seu médico teria lhe advertido sobre os riscos de continuar trabalhando na intensidade que o cargo exige.” (VEJA, 03/11/2023, edição 2866). O discurso citado perdeu a sua independência ao serem eliminadas as marcas linguísticas da fala do ministro que caracterizariam a sua subjetividade.

Se, porventura, esta frase estivesse em discurso direto, o efeito de sentido teria sido o de atualizar a fala de Flávio Dino com maior vivacidade, dando a ilusão de ser o momento da enunciação. Nesse caso, teríamos uma **debreagem enunciativa de segundo grau**.

Nos textos literários esse mecanismo causa um efeito de realidade quando o narrador dá voz ao personagem por meio do discurso direto.

Quanto à estabilidade do uso da língua, é comum o sujeito do discurso assumir a primeira pessoa quando estiver com a palavra, especialmente ao emitir ordens, desejos ou expressar sentimentos, e utilizar a terceira pessoa ao emitir informações objetivas e impessoais, buscando não se comprometer.

Contudo, existe a possibilidade de este sujeito empregar a terceira pessoa como referência a si mesmo. Esta é apenas uma das **instabilidades** que rompe com os esquemas canônicos da enunciação e cria uma nova forma de dizer.

Em campanha política, Marta Suplicy dizia “Vote na Marta, a Marta promete, a Marta cumpre”. Temos em sua fala uma **embreagem actancial**, a neutralização da oposição categórica *eu/ela* em benefício do segundo membro do par (cf. Fiorin, 2002: 48). Tal efeito produziu um distanciamento do *eu* no intuito de ressaltar o seu papel político sobrepujando sua individualidade.

A embreagem é, portanto, esse efeito produzido pela neutralização das categorias de pessoa e/ou tempo e/ou espaço, pela denegação da instância do enunciado. Assim como na debreagem, temos embreagem actancial, espacial e temporal.

Em “Agora eu *fazia* o papel de professor”, temos uma embreagem temporal, ou seja, a neutralização entre o tempo enunciativo *agora* e o tempo enuncivo *fazia*, em benefício do primeiro, como recurso para presentificar o passado, reviver a experiência de se fazer o papel de professor.

Corroborando as ideias de Greimas e Courtès, Fiorin (2002, p. 50) afirma que a embreagem apresenta-se, ao mesmo tempo, como o desejo de alcançar a instância da enunciação e como a impossibilidade de atingi-la. Como vimos, nosso estudo acerca dos mecanismos de instauração das categorias de pessoa, tempo e espaço manifestadas no discurso, bem como dos efeitos de sentido que decorrem das instabilidades no uso da língua, podem ser compreendidos como uma possibilidade, dentre tantas, de se abordar o ensino da leitura. Tais estratégias certamente irão desafiar os estudantes no que diz respeito ao desenvolvimento de sua competência leitora. E para que nosso objetivo seja alcançado, precisamos ter em mente que a leitura implica na mobilização do leitor quanto aos conhecimentos dos diferentes valores semânticos de palavras e expressões da língua e de seu funcionamento, das regularidades textuais, das particularidades do contexto em que o texto foi produzido e do conhecimento de mundo de que dispõe.

Além disso, investir nas estratégias de leitura, na compreensão de efeitos de sentido, nas características composicionais e estilísticas dos textos, nos processos intertextuais, na presença de valores sociais, culturais e humanos nos textos, além de graus de parcialidade e fidedignidade das informações neles veiculadas é fundamental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, existem muitas possibilidades de provocar as instabilidades na língua, tendo em vista certas condições discursivas.

Procuramos mostrar que a interpretação dos termos pertencentes às categorias de pessoa, tempo e espaço varia de acordo com os mecanismos utilizados pelo produtor dos enunciados. Os efeitos de sentido no discurso são muitos. Não é indiferente o narrador projetar-se no enunciado ou alhear-se dele; simular concomitância dos fatos narrados com o momento da enunciação ou apresentá-los posteriores ou anteriores a ele; presentificar o pretérito; enunciar um *eu* sob a forma de um *ela*, etc.

Como esses mecanismos oferecem novos valores e geram outros significados, consideramos fundamental incluir tais noções no ensino de leitura. Talvez nossa abordagem tenha contribuído para que o ensino de leitura e de análise linguística não permaneçam no campo das regras gramaticais descontextualizadas ou na predominância de questões de localização explícita.

Acreditamos, enfim, que nossos estudantes se sentirão muito mais motivados à leitura se souberem perceber a riqueza de sentidos pretendidos pelo autor e, possivelmente, alcançados por eles, com a orientação de leitores mais experientes, que estejam engajados para ajudá-los a descobrir o prazer da leitura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

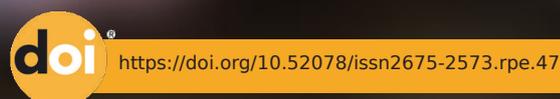
- ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. 9. ed. São Paulo: Ática, 1982.
- BENVENISTE, Émile. **Da Subjetividade na Linguagem**. *Problemas de Lingüística Geral*. Trad. Maria da Glória Novak e Luisa Neri. São Paulo: Nacional, 1976, p. 284-293.
- BENVENISTE, Émile. **O aparelho formal da enunciação**. *Problemas de Lingüística Geral II*. Trad. Eduardo Guimarães et all. Campinas: Pontes, 1989, p. 81-90.
- FIORIN, José Luiz. Pragmática. In : FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à lingüística II: princípios de análise**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 161-185.
- FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- GUIMARÃES, Elisa. Procedimento Discursivo e organização textual no processo de ensino-aprendizagem. In: BASTOS, Neusa Barbosa (Org). **Língua Portuguesa in Calidoscópico**. São Paulo: EDUC, 2004. (Série Eventos)
- VEJA. São Paulo, edição 1875, ano 37, n. 41, 13 out. 2004.
- VEJA. São Paulo, edição 1876, ano 37, n. 42, 20 out. 2004.
- VEJA. São Paulo, edição 1877, ano 37, n. 43, 27 out. 2004.
- VEJA ON-LINE, São Paulo: Abril, edição 2867. 10 nov 2023. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/tecnologia/os-carros-voadores-ganham-sinal-verde-mas-enfrentam-obstaculos/>>. Acesso em: 20 nov.2023.
- VEJA ON-LINE, São Paulo: Abril, edição 2867. 10 nov 2023. Disponível em: < <https://veja.abril.com.br/brasil/populismo-e-futricas-politicas-por-que-lula-sabotou-o-plano-de-haddad/>>. Acesso em: 20 nov.2023.
- VEJA ON-LINE, São Paulo: Abril, 20 nov 2023. Disponível em: < <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/partido-brasileiro-comemora-vitoria-de-milei-na-argentina/>>. Acesso em 20 nov. 2023.
- VEJA ON-LINE, São Paulo: Abril, edição 2865. 27 out 2023. Disponível em: < <https://veja.abril.com.br/brasil/as-conexoes-por-tras-do-maior-roubo-de-armas-da-historia-do-exercito/>>. Acesso em: 20 nov.2023.
- VEJA ON-LINE, São Paulo: Abril, edição 2866. 03 nov 2023. Disponível em: < <https://veja.abril.com.br/brasil/movimento-de-dino-poe-lula-em-situacao-dificil-para-decisao-sobre-stf/>>. Acesso em: 20 nov.2023.



ORGANIZAÇÃO:
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

Adriana Beatriz de Oliveira
Aline Pereira Matias
Amanda Maria Franco Liberato
Anderson da Silva Brito
Andréia Fernandes de Souza
Bruno Vinicius Pereira da Silva
Débora da Silva Melo Valiante
Elaine Aparecida Forgassin Corrêa
Fernanda dos Santos Ikier
Graziela de Carvalho Monteiro
Isac dos Santos Pereira
Maria Angela Ferreira Oliveira
Maria Dalva Lima de Sousa
Marisa Garcia
Ruy Francisco Sposaro
Walter Paulesini Junior
Silvana dos Santos Silva
Solange Hitomi Kurozaki
Suseli Corumba dos Santoso



Produzida com utilização de softwares livres



Platform &
workflow by
OJS / PKP

www.primeiraevolucao.com.br

